

RELATÓRIO
E CONTASRUI PATRÍCIO
Advogado

A vida como ela é

Gostam de Nelson Rodrigues? Eu sim, e muito. Do Nelson Rodrigues dramaturgo, cronista, romancista de um romance só; homem paradoxal, excessivo e controverso, cru até ao limite às vezes, et cetera. Ruy Castro, na celebrada biografia, chamou-lhe anjo pornográfico, título genial. Há coisas na biografia de Nelson de que gosto menos. Mas, sinceramente, e então? Não o quero para amigo, mesmo que estivesse vivo, e estou-me nas tintas para a ética e a política dele. Gosto da arte e do homem que na arte se projeta. O resto é a vida dele, e em nada toca o que na arte dele me toca. Uns celebrarão a sua dramaturgia, mesmo que dita “desagradável”, outros o seu cru (cruel?) romance “Casamento”, alguns (muitos) a arte do conto breve e da crónica, quintessência do manejo genial da palavra, do pensamento e da emoção. Vários celebrarão tudo isso, e eu talvez me inclua nestes, voltando a Nelson Rodrigues mais e mais, sobretudo à medida que penetro irremediavelmente nos entas e aprendo melhor a arte do paradoxo, do desapontamento e do valor brilhante das coisas pequenas e dos momentos. Mas, por sobre tudo, celebro um título dele, precisamente “A vida como ela é”.

Vamos à Wikipédia – esse supremo avatar moderno da informação rápida (e às vezes traiçoeira) – e diz algo assim: “A Vida como Ela é... é uma série de contos escritos por Nel-

son Rodrigues, um dos maiores escritores brasileiros do século XX, durante os anos de 1950 a 1961. Era o nome da coluna diária do escritor na Última Hora. O proprietário do jornal queria que Nelson retratasse uma história da vida real. As crónicas geralmente giravam em torno do adultério, do pecado, dos desejos e da moral, causando escândalo.”

Para mim o génio está, sobretudo, na simplicidade crua do título, independentemente do conteúdo

Para mim o génio está, sobretudo, na simplicidade crua do título, independentemente do conteúdo de cada crónica ou conto breve, sejam melhores ou menos bons.

de cada crónica ou conto breve, sejam melhores ou menos bons. A vida como ela é: a afirmação óbvia, obviamente ululante – mas o óbvio precisa sempre de ser dito e demonstrado –, de que a vida não é o que dela queremos, esperamos, desejamos, et cetera.

A vida é o que é. É como ela é. Ponto. É isso uma tragédia? Talvez, mas apenas no sentido de que procuramos incessantemente que ela seja outra coisa, mas ela insiste em ser como é. É assim. Talvez Ruy Castro lhe devesse ter chamado, em vez de pornográfico, o anjo trágico. Embora pornográfico, no sentido que creio que Ruy Castro lhe deu e é o certo, também não esteja nada mal, pois vejo na arte e na vida de Nelson Rodrigues, como aliás vejo em muitas outras, várias coisas movidas pelos efeitos daquela frase certa e desapiedada de Rosa Montero, que é qualquer coisa como isto “a carne está triste e já li todos os livros”. É o que é, a vida (ou o mundo) é o que é – como, aliás, creio que se chama a biografia de outro escritor poderoso, que admiro muito, embora também para amigo talvez não me servisse, V.S. Naipaul.

Mas então – poderá, perplexo, perguntar o leitor mais fixado no objeto principal deste jornal e na efémera rigidez energética e temática que marca as rentrées –, não deveria eu estar a escrever aqui sobre economia, gestão e afins? Primeiro,

não deveria, necessariamente. Segundo, mas não estou, afinal? A economia não é sobre a vida como ela é? E para gerir, mesmo num necessário ímpeto transformador, não é absolutamente essencial, antes de mais, saber como as coisas – e sobretudo – as pessoas são? E, já agora, conhecer bem o paradoxo, o desapontamento, a tragédia, e até uma certa feição crua e pornográfica da vida. Pelo menos mal não faz, e até creio que é bem necessário. ■

“A Vida como Ela é... é uma série de contos escritos por Nelson Rodrigues, um dos maiores escritores brasileiros do século XX, durante os anos de 1950 a 1961.”